

Crítica da Modernidade

**Resenha do livro *Crítica da Modernidade*, de Alain Touraine
(Petrópolis, Vozes, 1994, 431 pp.)**

Neste livro Alain Touraine conduz o/a leitor/a através dos longos caminhos do surgimento da modernidade até os atuais sinais de sua reinvenção, passando pelo deslumbramento frente à mesma e pela sua crise. A estrutura do livro está indicada nos sugestivos títulos das três partes: “A Modernidade Triunfante”, “A Modernidade em Crise” e “Nascimento do Sujeito”.

O argumento básico do autor é que há dois elementos constitutivos da modernidade: a racionalização e a subjetivação. A tensão e a complementaridade das duas dimensões podem ser exemplificadas com as figuras de Erasmo e de Lutero. O que aconteceu ao longo dos séculos foi o triunfo da racionalização em detrimento da subjetivação. O ponto mais alto da racionalização foram as teorias historicistas, entre estas o marxismo, nas quais os homens e as mulheres foram reduzidos a instrumentos úteis para a realização de determinado destino histórico.

A saída para a crise não consiste em abandonar a modernidade. Com exceção de alguns intelectuais com saudade das certezas passadas, esta perspectiva não está mais no horizonte da maioria dos indivíduos e grupos sociais. Nem mesmo as pós-modernidades (Touraine analisa quatro alternativas propostas por teóricos como Lyotard, Baudrillard e Jameson) representam possibilidades reais de superação da crise. Para ele, a saída consiste no renascimento do Sujeito que, integrando a subjetivação e a racionalização, possa construir uma modernidade mais plena.

A necessidade de redescobrir o Sujeito se deve ao sentimento de vazio produzido pela racionalização. Vivemos, segundo o autor, num sistema sem atores. Exemplo disso é o neoliberalismo dominante, no qual mercado se auto-regula e se automantém, dispensando o Sujeito. Para Touraine, este Sujeito é tanto o indivíduo enquanto ator como os movimentos sociais. Aliás, o ator individual sempre existe dentro de movimentos.

O Sujeito, portanto, não pode ser confundido com os papéis que um indivíduo desempenha. Valendo-se da psicanálise e da teoria do interacionalismo simbólico de Georg Herbert Mead, o autor distingue entre o “ego” ou o “self” (a parte construída na interação social) e o “Eu” que corresponderia ao desejo do ego. O Sujeito, então, é “desprendimento da imagem do indivíduo criada pelos papéis, pelas normas, pelos valores da ordem social” (p. 308). O Sujeito nunca é

uma entidade pronta, mas sim o “trabalho pelo qual um indivíduo se transforma em ator” (p. 393).

Esse Sujeito possui duas faces que não se devem separar: a liberdade e a pertença a tradições culturais. “O Sujeito”, diz Touraine, “é ao mesmo tempo liberdade e memória.” (P. 332.) Nas sociedades neoliberais o sujeito tende a ser dissolvido em nome da liberdade, criando os “in” e os “out” devido ao vazio de atores. Enquanto isso, nas sociedades “neocomunitárias” o sujeito tende a ser aprisionado em crenças que lhe tiram o direito de agir com liberdade.

Aos intelectuais cabe um papel especial nesse processo de fazer a relação entre a liberdade e a justiça, entre o sujeito e a razão (p. 384). Touraine é duro em sua crítica aos intelectuais pela sua dificuldade de ouvir os gritos e as vozes que vêm das ruas. Os intelectuais progressistas tendem a cair num “moralismo insípido”, enquanto que os conservadores são guiados por um “pragmatismo de visão curta” (p. 184). Ambos são incapazes de prestar real ajuda ao povo em sua luta diária dentro de um mundo no qual as mudanças fazem parte do seu cotidiano. Esses intelectuais, os “sacerdotes secularizados”, correm o risco de perder a relevância dentro da modernidade em crise.

Embora o autor não tenha uma preocupação explicitamente teológica, há no livro inúmeras referências à teologia. Segundo ele, a encarnação representa o marco fundamental da modernidade. Ao tornar-se homem, Deus mesmo rompe com a magicidade do mundo: “(...) é a pessoa do Cristo que fez o sujeito descer do céu à terra e que introduziu a separação entre o espiritual e o temporal na vida social, pedra sobre a qual se construiu a nossa modernidade” (p. 249). A partir deste fato, homens e mulheres precisam ser sujeitos de sua história.

Uma referência importante para Touraine é Lutero, que, com base em Santo Agostinho, representa um marco da subjetivação na modernidade atual. Ao insistir na separação entre a filosofia e a teologia, entre a fé e a razão, Lutero teria contribuído para fortalecer o sujeito individual, livre de mediações e que, a partir de sua total dependência e impotência, não deixa de ser responsável pelo seu destino.

De sua perspectiva sociológica, o autor entende que hoje em dia a diferença fundamental não está entre os que crêem em Deus e os que se dizem ateus. A real diferença está entre os que acreditam na subjetivação e os que unilateralmente se entregam à racionalização. Esta observação talvez auxilie a compreender a proximidade “natural” existente entre os mais diferentes movimentos (feministas, ecológicos, de direitos humanos...) e algumas igrejas ou certos setores de igrejas.

Para o contexto da América Latina a análise de Touraine parece ser de enorme importância especialmente por aproximar dois pólos que concentram a discussão atual, ou seja, a modernidade e o neoliberalismo. Suas reflexões esclarecem aspectos importantes da tensão entre justiça e liberdade, entre identidade ou memória e racionalidade ou mercado. A imagem da sociedade atual como um navio no qual estão embarcados três grupos de pessoas corresponde muito bem à

nossa experiência. Nesse navio ele identifica um pequeno grupo que comanda a embarcação a partir das incitações do mercado, os passageiros (consumidores e tripulantes) e os naufragos (os excluídos do sistema). É o resultado de uma modernidade que precisa ser ampliada através da democratização, ou seja, “da subjetivação da vida política” (p. 366).

Como conclusão cito um parágrafo que, a meu ver, sintetiza as preocupações e a proposta do autor. No mesmo também estão contidos, embora implicitamente, alguns desafios de um sociólogo ao mundo da fé cristã e da teologia:

Durante um período intermediário entre o mundo da tradição e o mundo da modernidade, os homens brincaram de criadores, ardil que lhes permitiu afirmar-se fora da influência de Deus e de imitá-lo utilizando sua razão, que eles continuavam a pensar ser um atributo de Deus que havia criado um mundo inteligível. O homem esteve tão ocupado tentando tornar-se um deus que acabou fascinado por seu próprio poder, identificando-se às suas obras, até que o heroísmo dos primeiros tempos deu lugar a uma demanda de consumo cuja aparente mediocridade era compensada pelo fato de ela pôr em movimento e enriquecer um número crescente de indivíduos e de categorias sociais. É preciso, portanto, para não desaparecer nas areias movediças da sociedade de massa, que agora o homem moderno volte a si, inventor não apenas do movimento, mas da distância de si mesmo, não somente do progresso como também da liberdade. É sobre essas interrogações e sobre esta volta a si que termina um século em que os homens se empenharam tão completamente no totalitarismo, na guerra, na sociedade de massa, como estavam durante muito tempo em uma noite onde as únicas luzes vinham das estrelas, sinais da ordem do mundo e das intenções de Deus.

Danilo R. Streck
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS